

A formação pedagógica na educação profissional

Suzana Lanna Burnier Coelho
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (Cefet-MG)
suzana@burnier.com.br

RESUMO

O presente artigo discute a formação docente para a educação profissional a partir da perspectiva que os espaços de ensino no campo da educação profissional se constituem também como espaços de pesquisa e de formação docente. A formação profissional vai além da formação para ocupação de um posto de trabalho pelos egressos. Essa formação profissional que visa formar para o mundo do trabalho, para o exercício da cidadania e para as lutas do trabalhador e que, além disso, enseja o trabalho autônomo, associado e cooperado, revela-se ainda mais complexa, do ponto de vista da atuação e do compromisso docente. Essa condição exige que o espaço de ensino também seja um espaço de pesquisa e de formação continuada.

Palavras-chave: Formação continuada. Formação docente. Formação profissional.

ABSTRACT

This paper discusses teacher training for vocational education from the perspective that places of education in the field of education also constitute as research spaces and teacher training. The training goes beyond training for occupancy of a job by graduates. This professional training aims to train for the world of work, for the exercise of citizenship and the worker's struggles and that, furthermore, it allows for self-employment, associate and cooperate even more complex is revealed, from the point of view of performance and teaching commitment. This condition requires that the education space is also a space for research and continuing education.

Keywords: Continuing education. Teacher education. Professional education.

Formação continuada de professores da educação profissional

A formação continuada é o espaço por excelência da formação de professores da educação profissional. Muitas são as teorias que contribuem para este debate. As teorias de identidade profissional, aqui em destaque, nos dizem que começamos a construir a identidade profissional quando ingressamos na profissão, quando estamos efetivamente inseridos no trabalho. A formação para a profissão é parte da constituição dessa identidade, mas saber como é ser médico, engenheiro, eletricitista, encanador, enfermeiro, etc., depende do exercício da profissão.

Não podemos falar em formação para o exercício de uma profissão na educação, no caso a docência, sem pelo menos mencionar os desafios da educação brasileira. Na medida do possível, iremos sintetizar os desafios da educação para termos o contexto do debate acerca da formação de professores, pois estamos nos formando para enfrentar os problemas e os desafios que a educação nos coloca nessa segunda década do século XXI.

Os desafios

Os desafios não são poucos. O primeiro é a formação para o mundo do trabalho, e esta formação não é para o emprego nem para o posto de trabalho. Nos dias atuais quem se forma em engenharia não sabe se atuará como engenheiro e como isso foi no passado ou será no futuro, questão que se coloca para outras muitas outras profissões que em decorrência da evolução tecnológica e dos novos arranjos sociais e produtivos podem mudar.

Nesse sentido, preparar para o trabalho nos dias de hoje não é só preparar para o posto de trabalho possível em cada profissão, em cada eixo tecnológico ou em cada setor produtivo. A formação também deve contemplar a vivência das relações sociais e hierárquicas que estão envolvidas no ambiente de trabalho, bem como questões que envolvem a valorização que capital atribui a cada profissão.

Sobre a questão salarial do técnico, por exemplo, a remuneração média não é o salário mínimo necessário definido pela Constituição Brasileira. Ao compararmos o salário mínimo estabelecido na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) com o salário mínimo pago aos trabalhadores, tomando como base a referência salarial calculada pelo DIEESE (Departamento

Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos) este salário mínimo necessário para a sobrevivência no país é de aproximadamente R\$ 2.700,00.

Diante desse contexto, o movimento sindical necessita lutar para e impetrar todos os meses um mandato de segurança contra os empregadores, inclusive o governo, exigindo o pagamento do salário mínimo definido na legislação do país. Deveríamos ter em juízo processos com o intuito de se fazer valer o salário mínimo que consta na legislação e isto deve estar no currículo da formação do professor e do técnico que quer formar.

Outro desafio que temos, enquanto docentes, é educar para formar os alunos para alavancar o desenvolvimento científico e tecnológico da profissão e para o trabalho autônomo associado à cooperativa. Essa é tarefa de cada professor: do professor de eletrotécnica, de química, de administração, dos pedagogos, de todos os docentes.

Devemos formar para as lutas do trabalhador no seu setor e para as lutas gerais por direitos ainda incipientes no país como é o caso da participação nos lucros e resultados da empresa. A legislação que ainda não conseguimos implementar e fazer com que se cumpra em todos os setores. A luta pela redução da jornada de trabalho exigem participação política e isso relaciona com o abandono em que se encontram nossos filhos. Quando nós, docentes, queixamos que os pais dos alunos abandonam seus filhos, esquecemos que os nossos filhos, os filhos de professores, também estão abandonados.

Porque não há mais tempo para os filhos. Estranham-se aquelas famílias que tinham esse tempo. Atualmente, além do tempo de produtivo no local de trabalho, gastamos muito tempo na mobilidade urbana, na atualização profissional e nas tarefas que nos foram terceirizadas por todos os setores de produção através dos computadores e outras mídias de informação. Essas atividades invadem nosso tempo livre, num tempo no tempo que deveríamos estar com os filhos, preparando-os para viver no século XXI. Esse tempo nos foi roubado, nós não o temos mais, porque ao chegarmos em casa vai-se direto para o computador para fazer tarefas não domiciliares.

Preparar os alunos para o usufruto do tempo livre como oportunidade de equilíbrio e satisfação do corpo, do espírito e das relações sociais, é um desafio docente. Há um preço que pagamos, pelo descuido que o trabalho nos obrigou a ter com o nosso corpo nos últimos anos. Porque temos danos na coluna, por causa das horas sentadas à frente do computador; nas cordas

vocais, pelos tamanhos das salas de aula e a falta de tratamento acústico; pelos anos e anos de giz, e muitos outros danos de saúde.

Outro desafio é a precariedade do sistema educacional brasileiro. Realizamos um ciclo de pesquisas onde investigamos os projetos de futuro do jovem brasileiro em que possuíamos como locus de pesquisa jovens de periferia que são atendidos pelo programa PROJOVEM (Programa Nacional de Inclusão de Jovens), e conseqüentemente são atendidos por programas sociais e passaram por todo um processo de atestamento de pobreza da Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS) a qual indica a população que vive em extrema pobreza. Depois obtivemos como locus de pesquisa os jovens pobres, que são pobres pela localização da escola em que realizamos a pesquisa, uma escola de classe média baixa de Belo Horizonte, localizada ao lado de uma periferia. Nesta escola estadual, de classe média baixa de Belo Horizonte, predominam, no ensino médio, os alunos da comunidade.

A classe média não estuda na escola estadual vai para escola privada e, talvez, para o Instituto Federal, mas preferencialmente na escola privada. Essa realidade se dá porque a educação oferecida pelo Estado em Minas Gerais possui pouca qualidade.

Essa é a realidade que os alunos encontram na sala de aula hoje. Não é realidade do futuro, é a realidade do presente. Entretanto no futuro essa juventude serão os adultos que enfrentarão os problemas da sociedade. Depende dos professores dar o instrumento a eles de raciocínio para poderem saber se colocar como classe trabalhadora em defesa dos seus direitos. Porque são direitos registrados na Constituição Federal e acordados internacionalmente nas convenções de trabalhadores da Organização Internacional do Trabalho (OIT), que é um órgão capitalista. O Brasil não conseguiu atender minimamente às convenções estabelecidas pela OIT, que é um órgão capitalista. Não são acordos socialistas ou acordos comunistas, são acordos capitalistas os quais o país não consegue implementar. E isso ainda é parte da luta sindical de que o Brasil acompanhe e faça valer os acordos dessas convenções internacionais.

Temos também como desafio docente, formar para contribuir na construção de uma população cidadã, solidária, ética, política e ecologicamente responsável. Há os profissionais que acreditam que ao se deslocarem das empresas privadas para trabalhar na educação não terão certos tipos de problemas. Acham que não terão mais prazos a cumprir, problemas com maquinário, com o cumprimento de metas, etc, no entanto a educação também possui muitos problemas, e não há como escapar.

Contudo temos uma compensação ao trabalharmos na educação. Quando percebemos o avanço dos alunos, nos regozijamos dessa conquista. Para um docente quando um jovem consegue relacionar o mundo com o que ele estuda, quando ele compreende a lógica matemática na realidade, é um contentamento sem fim.

O magistério possui essa magnitude de exultação. Mas não sem problema, sem conflito e sem estudo. Nós, professores, não estamos preparados para enfrentarmos esses desafios. Todos os problemas mencionados anteriormente sobre o salário mínimo, a CLT, não se aprende na faculdade. Não se aprende sobre os tipos de problemas enfrentados pelos alunos. Não sabemos como as lutas do movimento sindical, as demandas da juventude, os conflitos dos jovens da periferia, etc. se relacionam com o nosso fazer docente. Como pensa o aluno do ensino técnico, que demandas ele tem para formação, não apreendemos em nossa formação. Nossa formação inicial não nos possibilita essa discussão. Mas temos que nos informar, investigar e estudar para compreendermos a realidade do aluno.

Esse é o desafio do professor: formar trabalhadores capazes de gerir sua vida. Gerir a própria vida é poder decidir, por si próprio, o seu futuro. Os jovens brasileiros os quais nós pesquisamos, nunca conversaram sobre os seus anseios futuros com ninguém. Nem o jovem aluno da escola técnica, nem o jovem do ensino médio da rede estadual e nem os jovens do ensino médio das escolas de classe média alta de Belo Horizonte (BH).

Nós pesquisamos os alunos da escola Bernoulli, uma escola para a classe alta, os alunos do colégio Loyola, que é a escola dos jesuítas em BH. Pesquisamos os alunos da escola Santo Antônio, que é a escola da tendência franciscana de BH, que também é uma escola de classe alta. Também pesquisamos jovens de pobreza extrema, fazendo os mesmos questionamentos. O que você quer ser no futuro? Quem conversa com você sobre o futuro? Você tem alguma ideia do futuro? Já procurou alguma informação sozinho? Onde você procurou informação? A que materiais você teve acesso? O que você sabe sobre o mundo do trabalho, mercado de trabalho ou que outros planos, além de trabalho você tem? Realizamos esse questionamento porque a vida não é só trabalho.

O trabalho é princípio educativo, mas o trabalho não é 100% da vida. A vida é muito mais do que trabalho. Por isso não podemos perder também essa dimensão humana. A escola não forma máquinas de produção, estamos formando seres humanos.

É um desafio formar trabalhadores capazes de gerir sua vida, seu trabalho, sua categoria profissional e a sociedade. Se não formarmos jovens que são capazes de pensar a sociedade, teremos jovens que são facilmente manipulados. Temos que analisar os tipos de questões que estão sendo vistas, por qual parcela da juventude e que tipos de questões estão sendo vistas pelos alunos do Instituto Federal. Essas questões são de responsabilidade dos professores também. Mais dos professores do que da família, pois os professores, provavelmente, passam mais tempo com esses jovens do que os seus pais.

A escola tem que formar para o usufruto do tempo livre por meio de conferência com os alunos sobre o tempo livre, ensinando-os a utilizar esse tempo, pois temos visto e temos experiência de trabalhadores que não sabem o que fazer com o tempo livre. Por isso na escola se faz necessário ter o horário de leitura para criar volume e hábito de leitura nos alunos. Também ter o horário para o aluno falar, discutir, debater, mesmo que ele tenha problemas para falar em público, mas faz-se necessário ter esses momentos na escola.

A discussão sobre formação de professores para a educação profissional passa por uma reflexão sobre a juventude de hoje: quem são os jovens de hoje, quais são os diferentes segmentos de jovens que estão na sociedade, quais as maneiras de ser jovem que estão dentro dos Institutos Federais e de cada campus. Quais projetos esses jovens possuem? Nossas propostas não estão em sintonia com os projetos que eles possuem. Nem os da classe alta nem os da classe média e nem os da classe baixa.

Os jovens da classe alta têm um único projeto: passar no vestibular de uma universidade pública, mas ao perguntamos a esses jovens o porquê da escolha dessa profissão alguns nos responderam que antes haviam escolhido outra, mas desistiram por imposição da família. Nesse sentido, é um desafio formar pessoas capazes de gerir sua vida.

Conhecimento científico sistematizado: o que o professor precisa

O professor precisa conhecer o campo científico-tecnológico de atuação para formar trabalhadores competentes e isso significa se atualizar no seu campo científico-tecnológico. Mas para ser professor da educação profissional, hoje, é necessário saber mais do que o que se ensina. É preciso

saber lidar com as TICs. Também é necessário, por exemplo falar inglês, pois ao utilizarmos somente as páginas em português na internet, temos acesso a 0, 10% de informação disponível na web. Além disso, o professor precisa conhecer a sociedade brasileira.

Muitos docentes acreditam que por serem engenheiros, químicos, enfermeiros, administradores não precisam conhecer a sociedade. Entretanto, todo cidadão que está no ensino tem que ter o conhecimento da sociedade brasileira. Mas a formação dos docentes não atende às essas exigências, por isso a escola onde o professor atua é a responsável em prover essa formação, por meio de formação continuada periódica.

O professor também precisa conhecer a educação brasileira: temos que conhecer os impasses da educação brasileira, o problema que o ensino médio enfrenta, e as demais lutas em prol da educação.

Outro conhecimento importante para o docente é conhecer a instituição escolar. Conhecer o mecanismo de funcionamento da instituição escolar para compreender as relações estabelecidas na escola, os mecanismos de democracia dentro da escola, os obstáculos e as possibilidades da educação em sua relação com a família do aluno.

Compreender as virtudes e as contradições, os limites e as possibilidades do ser humano. Temos que conhecer de psicologia e de psicanálise para poder lidar com o conflito, para poder lidar com o aluno que teve um acesso de raiva dentro da sala de aula. Temos que aprender a lidar com essas situações, temos que saber lidar com essas dificuldades.

Conhecer os diferentes processos de construção de conhecimento e ensino e as diversas estratégias e recursos que os incrementam para conseguirmos planejar e avaliar os processos de aprendizagem dos alunos.

Uma profissão demanda conhecimentos específicos. Não há como exercer uma profissão sem construir conhecimentos relativos a ela. Ao conseguirmos agregar novos saberes ao nosso conhecimento profissional, teremos segurança, eficiência e conseguiremos readequar periodicamente as metas e as estratégias de acordo com a variação de uma turma para outra, de um público para outro, de um turno para outro.

Entretanto a formação pedagógica inicial e continuada na educação profissional brasileira sempre foi precária, provisória e emergencial. Não temos cursos de formação e não temos financiamento. Por isso temos que parar de esperar que os governantes façam algo em prol da formação de professores, temos que fazer por conta própria. Temos que deixar de aceitar tudo que nos é imposto.

Também se faz necessário que ensinemos aos nossos alunos as lutas da classe trabalhadora para que eles possam defender os seus direitos por meio das lutas de cada categoria profissional e da classe trabalhadora como um todo.

À medida que enxergamos a complexidade de nosso trabalho que passamos a perceber que somos mais engenheiros que lecionam do que professor de engenharia. Temos que formar licenciandos como educadores incansáveis pela profissionalização da docência, porque é das profissões mais dignas. E isso repercute na relação do professor com o aluno, pois aprender tem que ser uma relação de prazer com o conhecimento que leve ao entusiasmo em aprender.

A formação contínua está na lei e cada instituição é obrigada por lei a oferecer a seus professores. Temos Institutos Federais em que o professor, ao chegar, tem que fazer uma especialização ou um programa especial de formação pedagógica durante o estágio probatório.

Muitos aspectos devem ser fortalecidos na formação do docente. A tarefa da formação está colocada para docentes e para discentes no dia a dia da escola. A relação com o aluno, com outros professores devem ser objeto de reflexão e de formação. Para isso precisamos de condições institucionais que os profissionais discutam o seu fazer docente e que possam verbalizar suas experiências e estabelecer trocas. Precisamos de uma coordenação capaz de pautar, coordenar, sistematizar, comunicar e acompanhar essas reflexões, registrar e socializar, interna e externamente, por meio de publicações acadêmicas as discussões sobre ensino. E, assim, teremos, como nos afirma Chön, um profissional reflexivo.

A articulação entre ensino, pesquisa e extensão

A pesquisa deve relacionar com a extensão e integrar os processos de ensino e todos os professores devem ser docentes-pesquisadores. Essas ações devem também se transformar em atividades de formação dos alunos mas também dos próprios professores. E os seus resultados devem ser publicados em revistas de ensino, em eventos, jornais com transbordamento para extensão comunitária, consultorias, etc.

Possuir espaços institucionais de reflexão e de formação é obrigatório para a escola e isso deve integrar o Projeto Pedagógico da escola, o Plano de curso que devem ser revistos a cada 3 ou 4 anos. Devemos vencer a

rotina e a burocracia dentro da escola. É difícil fazer com que o Conselho de Classe Permanente ou colegiado de curso seja desburocratizado, pois não se obtêm resultados transforma-se em algo formal. O conselho de classe tem que ser um lugar para discussão pedagógica e não apenas burocrática. Há de se realizar a discussão de como está o andamento de cada turma, realizar o balanço das soluções apresentadas periodicamente e não esperar um ano para saber se uma ação está dando certo ou não.

Se a escola lota os horários do professor com aula, há de se reivindicar tempo para a discussão pedagógica por turma. Porque a única maneira de ter sucesso na educação é fazer acompanhamento: planejar, avaliar, realizar o processo permanente de pesquisa, formação e avaliação. Considerando-se que o foco é o aluno, o foco não é o diário, não é a nota, não é saber quantos foram aprovados, quantos reprovados. É preciso ir além.

É necessário valorizar os espaços de discussão e superar o burocratismo e dar apoio e incentivo para a participação e o diálogo. Novas tarefas, novas condições para executar. Temos que ter uma pauta didática em pelo menos uma reunião bimestral de cada coordenação. Relatos de experiências bem-sucedidas; planejamento coletivo; produção de material de ensino; oficinas de produção de material de ensino de cada coordenação; troca de soluções pedagógicas; estudos de técnicas didáticas e produções científicas sobre ensino das áreas; workshop de ensino da semana pedagógica, etc., tudo isso é necessário permanentemente.

Algumas sugestões de pautas para essas reuniões pedagógicas: a) Desenvolvimento do grupo de alunos; b) Estratégia de aprendizagem mais eficaz; c) Instrumento de avaliação de recuperação; d) Uso de mapas conceituais; uso do método de projeto; e) Uso do ensino contextualizado e aprendizagem significativa; f) Gestão de conflitos no desenvolvimento de vínculos positivos em sala de aula e g) Formação do aluno para o ofício de estudante.

Considerações finais

A complexidade do mundo atual não nos deixa ter um único aporte teórico que resolva todas as questões da educação de modo que se tornou uma obrigação nossa de sempre duvidar de todos os aportes teóricos para nos mantermos na condição de críticos e de cientistas. Temos que ler

a teoria tendo a mediação a prática. Essa atitude nos ajuda na medida a enfrentar nossa infinita ignorância diante dos avanços das teorias. Do ponto de vista pedagógico, pensar num aporte teórico geral definitivo e inquestionável será não só temerário, mas sobretudo insuficiente. Necessitamos estabelecer um diálogo permanente com a sociologia, a filosofia e demais ciências humanas. Acredito que um aporte pedagógico que nos ajuda a pensar melhor a sala de aula hoje tem a ver com contribuição de Vygotsky que por meio do construtivismo sócio-interacionista nos permite ter uma concepção aberta que se relaciona com a circunstância histórica em que se encontram os alunos, professores e a escola.

Acreditamos com base no pressuposto de que o trabalho pedagógico é construído junto com todos os sujeitos do processo de ensino-aprendizagem: professores, alunos, família e os que estão indiretamente presentes, como a mídia que está presente em todas as salas de aula. Nesse sentido, temos o discurso dos sujeitos não presentes à sala de aula, mas que estão presentes em nossas mentes, que a filosofia nos ajuda a pensar com a discussão sobre ideologia. O construtivismo sócio-interacionista está aberto e vê o processo de aprendizagem como construção da pessoa. Não se pode ter um curso baseado apenas em uma técnica, em uma especialidade, como um curso só na metodologia de projetos, só de aulas expositivas, porque não funciona. Tem que haver uma mudança de técnica, porque cada técnica favorece o desenvolvimento de determinadas habilidades.

O Brasil é um dos maiores consumidores de grifes de luxo e nós temos muitos milionários no país e metade das nossas crianças vivem sem esgoto. Não há como continuar aceitando essa situação. A educação desempenha papel político importante neste processo. Podemos fazer a diferença na vida de todos não, mas na vida de vários de nossos alunos. Uma escola sensacional, um ótimo projeto, uma compreensão da realidade: nós podemos fazer a diferença, sim.

Referências

COELHO, Suzana Lanna Burnier. **Visões de mundo e projetos de técnicos de nível médio**. 2003. 278f. Tese (Doutorado Educação Brasileira) - Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.